



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

(IN) DEFINIÇÃO DE GÊNERO EM *NOVE NOITE*, DE BERNARDO CARVALHO

Claudeci da Silva Ribeiro (PPGLI/UEPB)

Introdução

Este artigo teve origem durante as aulas de Tópicos Especiais em Teoria da Literatura ministradas pelo Prof. Dr. Antônio de Pádua, no Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB, e diante das discussões sobre a literatura atual e das formas como o texto literário tem se apresentado nos livros publicados nas últimas décadas do século XX e início do XXI, percebe-se uma literatura que vem descortinando as regras estabelecidas pelo cânone e que compõem um novo modo de escritas, no qual enfatizaremos a questão de gênero tendo por base a configuração da prosa brasileira e o papel do autor. Assim nos vimos em meio a dúvidas sobre a permanência de uma ‘homogeneidade literária’, que engessa a obra literária em predefinidos gêneros, em vez de descortinar a importância dos diversos gêneros que compõem as narrativas contemporâneas, a título de exemplo são as obras de Santiago Nazarian, Ivana Arruda, Marcelino Freire, Bernardo Carvalho e entre outros, sendo a obra deste último objeto do presente estudo.

Neste trabalho problematizo a discussão sobre o conceito de gênero e sua aplicabilidade às narrativas contemporâneas com base na perspectiva dos estudos de teoria *Pós-autônomas* de Josefina Ludmer, as *Escritas de si*, de Diana Klinger, nos estudos da Beatriz Resende sobre a literatura contemporânea entre outros autores. Meu objetivo será analisar a presença dos gêneros textuais na narrativa *Nove noites*, de Bernardo Carvalho e, a partir da análise textual de fragmentos do texto, identificar como estes gêneros compõem a narrativa e de que modo contribuem para a linearidade ou não do texto, além de tecer comentários que contribuam para as questões de análise sobre o conceito de gênero e a busca de uma (in) definição do gênero ao qual o texto se enquadre.

Diante de um quadro de incertezas sobre a predominância e/ou alternância do gênero na literatura, nos deparamos com a obra *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, nesta obra a realidade é ponto de partida para uma narrativa em que memória, testemunho, depoimentos



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

contemporâneos compõem a ficção. Ainda que apresentado na contra capa como romance, *Nove Noites* apresenta o fenômeno de hibridização segundo Nestor García Canclini (2002), em que entendemos que a presença de vários gêneros em uma narrativa põe em discussão as formas múltiplas da criação literária contemporânea. De acordo com Beatriz Resende (2008, p. 79) para o autor construir esse romance, “ele apropria-se do enigma em que se transformou a morte de Quain e sai em campo buscando compreender por meio de pesquisa e investigações –chaves as razões ou os segredos que cercaram seus últimos momentos”, com isso notamos que o trabalho do autor requer não apenas conhecimento e imaginação sobre o fato a ser narrado, mas de experiência, de uma busca por decifrar enigmas ou encontrar possíveis verdades sobre a causa da morte do antropólogo Buell Quain em 02 de agosto de 1939 entre os índios Krahô no interior do sertão brasileiro, para então transformar essa personagem de um mundo real para o ficcional, aqui encontramos a maestria e originalidade do autor.

A esse novo modo de escrever, em que as obras são ficção e realidade, está presente nas escrituras denominadas por Josefina Ludmer de literaturas pós-autônomas, pois para a autora, essas escrituras diaspóricas não só atravessam as fronteiras da “literatura”, mas também a da “ficção” (e ficam dentro-fora nas duas fronteiras), portanto as manifestações do real coexistem e se interpelam com o aspecto ficcional da narrativa. Em *Nove Noites*, são vários os gêneros que se interligam na narrativa, que vão desde a notícia lida pelo escritor sobre a morte de um antropólogo e da observação da pequena citação ao caso da morte de Buell Quain à 62 anos atrás no Brasil, que começa uma série de relatos vividos ou inventados pelo autor para descobrir os motivos que levaram um jovem antropólogo americano a se suicidar na flor da idade, aos 27 anos, relatos que se misturam com a apresentação das cartas escritas pelo antropólogo antes de morrer e análise das mesmas, utilizando métodos investigativos entre o que estava escrito e as experiências tidas com pessoas relacionadas ao antropólogo.

Em *Nove Noites*, a história que narra a vida de Buell Quain, nos Estados Unidos e quando ele chegou ao Brasil e foi para o campo de pesquisas antropológicas entre os índios Trumai do Xingu e posteriormente entre os Krahô, se intercala com as experiências relatadas



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

pelo autor quando criança, que narra que esteve no Xingu com o pai, e que para ele a representação do inferno ficava no Xingu de sua infância, e da relação do autor, já adulto, com o pai, cujas pistas de uma vivência real ou fictícia vão desconstruindo o quebra cabeça de informações que leva o leitor, por vezes, a se confundir entre o que tem de real e de imaginário na narrativa, assim não podemos ler essas narrativas como exemplo de mero realismo, no entanto é desse enlace que o autor constrói a ficção. Não nos deixemos levar pelo conhecimento prévio que temos do autor, sendo por vezes necessário para compreender determinadas nuances da narrativa, mas não lhe creditar totalmente o desvendamento dos fatos, pois este manipula a realidade com a criatividade inerente à criação literária. Das sete cartas deixadas pelo antropólogo para pessoas próximas a ele, uma para sua orientadora Ruth Benedict, outra para dona Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, para Manoel Perna, engenheiro de Carolina de quem se tornara amigo, uma para o delegado de polícia, Capitão Ângelo Sampaio, uma para o pai, Dr. Eric P. Quain, para o reverendo Thomas Young, missionário americano que estava em missão no Mato Grosso, e uma sétima para o cunhado, Charles C. Kaiser, destas, o escritor não teve acesso apenas as três últimas cartas, e a oitava fora inventada por ele, que no início do romance o narrador pressupõe a vinda de alguém que não se define quem seja quando diz:

Passei anos á sua espera, seja você quem for, contando apenas com o que eu sabia e mais ninguém, mas já não posso contar com a sorte e deixar desaparecer comigo o que confiei à memória. Também não posso confiar a mãos alheias o que lhe pertence e durante todos estes anos de tristezas e desilusões guardei a sete chaves, à sua espera.

Bernardo Carvalho apresenta uma narrativa que dialoga com o passado e o presente do personagem principal, quando em proximidade da 2ª Guerra Mundial um jovem antropólogo americano vem para o Brasil com o propósito de estudar os modos de vida dos índios, tendo este em sua história pessoal vivências por tantas partes do mundo, de ter atravessado os Estados Unidos de carro aos 16 anos, viajado durante seis meses pela Europa e Oriente Médio, ido pra Rússia, e depois de ter prestado exames ter embarcado durante seis meses como marinheiro, num para Xangai, seriam estes apenas os motivos que o fizeram vir para o Brasil, ou algo de estranho e misterioso o deslocara para estas terras? As cartas que o escritor teve acesso estão presentes no romance e também aquelas que ele enviou em decorrência de sua estada em terra estrangeira e de notícias sobre sua pesquisa, logo o autor se remete a elas traçando um diálogo entre a experiência que teve com seus destinatários e uma suposição entre o que realmente elas queriam dizer. O lado jornalista do escritor aparece



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

quando ele vai à aldeia dos índios Krahô junto com um antropólogo e seu filho, e define a experiência como não muito agradável, que não acrescentou muito ao que já sabia, e que a questão do “paternalismo” ainda está presente entre os índios e supõe como fora difícil para Buell Quain lidar com uma situação em que ele também era um solitário em terra estrangeira como assinala Klinger (2007, p.78)

A experiência etnográfica não só constrói o objeto, mas também o sujeito da etnografia, que se vê por ela modificado no confronto com o outro; e por outro lado, que a construção d relato etnográfico sempre precisa apagar alguns traços dessa experiência etnográfica.

Diante da ida do autor à tribo, à repartição no Museu Nacional, dos relatos presentes na narrativa, das relações que envolviam o antropólogo a pessoas não previamente identificadas nas cartas, mas em vestígios encontrados pelo autor em sua busca por decifrar uma verdade que nem a família ao certo sabia, ele se apropria de uma realidade que é pura representação, que Ludmer define como um tecido de palavras e imagens de diferentes velocidades, graus e densidades, interiores e exteriores a um sujeito que inclui o acontecimento, mas também o virtual, o potencial, o mágico e o fantástico. Isto se faz notar nas fotos que Buell tinha com um grupo de amigos numa casa de praia, no fato dele não ter fotos suas, da descoberta de um amigo ter tirado uma quando soube de sua vinda para o Brasil. Assim o texto vai desvendando subjetividades da personagem que se concretizarão apenas nas partes finais da narrativa.

A narrativa está dividida em duas partes, a primeira que apresenta o percurso que o antropólogo quer desvendar em traduzir o dialeto dos Krahô e se concentra em explicar aos leitores as nove noites em que ele supostamente passou com o engenheiro Manuel Pena, a quem lhe confiou alguns segredos e experiências de vida, o relato dessas confissões fora redigido para ser entregue a um destinatário desconhecido, sobre a veracidade desse testamento não se tem certeza, já que as histórias reais e ficcionais se interrelacionam constantemente no decorrer da narrativa. A segunda parte é constituída pela investigação do escritor e suas experiências em busca de uma verdade, seja a real ou a fabricada pelo escritor, dessa junção se constitui o romance, romance que mais se constitui de memórias, sejam elas as do escritor, sejam elas as do antropólogo Buell Quain, sejam elas as das pessoas que conviveram direta ou indiretamente do fato narrado. A questão do duplo está presente em toda



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

a obra e se reflete nas reflexões sobre os motivos que levaram o antropólogo ao suicídio, dos motivos pessoais ou não que levaram o autor a investigar essa notícia, o duplo entre o temor e a busca de uma resposta. Quando o escritor se depara com a experiência da morte de seu próprio pai e não sabemos ao certo se o final é real ou pura ficção, já que nele um acompanhante idoso e americano divide o mesmo quarto de hospital que o pai do escritor, e com a morte do idoso é que recomeça uma nova busca pelas pistas finais do romance.

Entre relatos pessoais o escritor vai até um pensionato em busca de informações sobre quem era o acompanhante do idoso e para sua surpresa não é bem acolhido pela instituição, mas ao ir embora, vê uma moça lendo para um idoso no jardim e si dirige a ela, dizendo que precisaria de alguém para traduzir para um vizinho, e ela se dispõe a procurá-lo, ou seja, é pela mentira que o autor vai buscar as pistas que faltam para o seu quebra-cabeça e consegue. Com algumas informações ele vai para os Estados Unidos meses antes do atentado às Torres Gêmeas, em busca do único filho do idoso que morrera no mesmo quarto que seu pai estava internado, e mesmo articulando algumas hipóteses para se aproximar dele, resolve tocar a campainha de seu apartamento e da maneira mais simples e direta ele descobre as verdades que dão desfecho à narrativa. Na perspectiva do narrador aquele que tinha sido criado pelos avós paternos tinha vivido um conflito durante toda a vida, o pai tinha lhe entregado a eles e desaparecido no mundo e só aos dezessete anos que soubera que não era filho de seu pai, por carta enviado para ele e que seu avô o contou que não tinha nada a ver com ele, daí em diante ele saiu de casa e nunca mais os viu, mais uma experiência de solidão, de identidades perdidas, na realidade o seu pai poderia ser Buell Quain e o mistério de seu suicídio poderia ser desvendado, mas são apenas indícios que se apresentam, fotos em sua maioria tiradas nos Estados Unidos e das quais nenhuma com Buell Quain, não havia nada que confirmasse a ligação entre Buell e o fotógrafo, apenas muitas fotos de homens nus, revelando uma suposta opção homossexual do fotógrafo, que não admitira a paternidade do filho mas que este muito se parecia com ele, e o que Buell falara que tinha sido traído, quando muitos sabiam que ele não era casado revela sua opção sexual por outro do mesmo sexo, que para os padrões sociais em que vivia, vindo de uma família de classe alta americana, ou pelo rigor de um pai autoritário poderiam ser indícios para o distanciamento do antropólogo para o Brasil, ou quem sabe a suposta presença de uma doença, seja ela imaginária ou real.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Portanto, *Nove Noites* apresenta uma narrativa constituída em um misto de gêneros textuais como as cartas, os relatos, o testamento, as entrevistas, que embora esteja baseado em fatos, experiências e pessoas reais, constituem, mais, um livro de memórias associado à rica criação imaginária do autor. Contudo a indefinição de um único gênero que caracterize a obra permanece e o final da narrativa indica que um novo ciclo de acontecimentos pode ter início, dizendo ao leitor que a história pode continuar, agora com outra personagem, o qual é passageiro do mesmo avião que o escritor, este se cala diante da frase dita pelo jovem “vou estudar os índios no Brasil” e assim uma nova série de fatos podem ser narrados.

O que temos percebido nas produções textuais mais recentes são obras que não se enquadram a um único gênero estabelecido pelo cânone. João Alexandre (1983, p.23) vê a desarticulação na construção do texto como resultado das relações entre indivíduo e história e define autor e texto moderno como:

O autor ou o texto moderno é aquele que leva para o princípio de composição um descompasso entre a realidade e sua representação, exigindo reformulações e rupturas nos modelos “realistas”.

No Modernismo havia um descompasso entre o escritor e sua realidade, já nos textos pós-modernos esse descompasso ou distanciamento tende a se anular, pois evidenciamos uma prosa que mina dos campos mais férteis das experiências vividas por seus autores, estejam eles em evidência ou não. Com a facilidade do acesso aos meios de comunicação há publicações que ultrapassam as barreiras exigidas por uma tradição que ainda as vê com certa rejeição, as há muitos autores se firmando por uma literatura que não abandonou de vez com as normas que regem a teoria e a crítica da literatura moderna, mas são textos que já não comportam a teoria existente, precisam ser formulados ou acrescentados novos dados aos conceitos já existentes, de modo que estas novas formas de narrar firmem seu espaço na dita “grande literatura”, e que o acesso a ela não seja restrito, mas amplamente discutido e analisado, para quem sabe daqui a alguns anos, e não em décadas, eles sejam reconhecidos pela forma em que articulam com as palavras às coisas ou situações vivenciadas ou imaginadas, e não na simples idealização classificatória de que isso é literatura e aquilo não é literatura.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Portanto, não podemos esquecer que a narrativa pressupõe a existência daquele que lê, que indaga e questiona o dito e não dito na obra literária e nesse sentido Regina Dalcastagnè (2012, p. 93) fala do narrador tradicional ao qual não nos daria tanto espaço para questionamentos, enquanto percebemos que em *Nove Noites* o narrador dialoga com o leitor e expõe seus medos e incertezas diante do que vai narrar, colocando-se no centro da questão do enredo, mesclando sua história com a da personagem, exigindo uma representação mais definida de gênero, já que se confirmam nas literaturas pós-autônomas, que segundo Ludmer são aquelas que atravessam a fronteira do literato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RESENDE, Beatriz. *Expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008

CARVALHO, Bernardo. *Nove Noites: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

LUDMER, Josefina. *Literatura Pós-Autônomas*. Publicado na Ciberletras - Revista de crítica literária y de culture, n. 17, julho de 2007

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago, Diana Klinger*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007



**X Colóquio Nacional Representações
de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.*

Vinhedo, Editora Horizonte: Ri de Janeiro, Editora da UERJ, 2012